



# PAPERS DO NAEA

ISSN 15169111

PAPERS DO NAEA Nº 012

**INDUSTRIALIZAÇÃO E RACIONALIZAÇÃO PARCIAL**

**Franz Josef Brüzeke**

**Belém, Dezembro de 1992**

**O Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA)** é uma das unidades acadêmicas da Universidade Federal do Pará (UFPA). Fundado em 1973, com sede em Belém, Pará, Brasil, o NAEA tem como objetivos fundamentais o ensino em nível de pós-graduação, visando em particular a identificação, a descrição, a análise, a interpretação e o auxílio na solução dos problemas regionais amazônicos; a pesquisa em assuntos de natureza socioeconômica relacionados com a região; a intervenção na realidade amazônica, por meio de programas e projetos de extensão universitária; e a difusão de informação, por meio da elaboração, do processamento e da divulgação dos conhecimentos científicos e técnicos disponíveis sobre a região. O NAEA desenvolve trabalhos priorizando a interação entre o ensino, a pesquisa e a extensão.

Com uma proposta interdisciplinar, o NAEA realiza seus cursos de acordo com uma metodologia que abrange a observação dos processos sociais, numa perspectiva voltada à sustentabilidade e ao desenvolvimento regional na Amazônia.

A proposta da interdisciplinaridade também permite que os pesquisadores prestem consultorias a órgãos do Estado e a entidades da sociedade civil, sobre temas de maior complexidade, mas que são amplamente discutidos no âmbito da academia.

**Papers do NAEA - Papers do NAEA** - Com o objetivo de divulgar de forma mais rápida o produto das pesquisas realizadas no Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) e também os estudos oriundos de parcerias institucionais nacionais e internacionais, os Papers do NAEA publicam textos de professores, alunos, pesquisadores associados ao Núcleo e convidados para submetê-los a uma discussão ampliada e que possibilite aos autores um contato maior com a comunidade acadêmica.



## **Universidade Federal do Pará**

### **Reitor**

Nilson Pinto de Oliveira

### **Vice-reitor**

Camillo Martins Vianna

## **Núcleo de Altos Estudos Amazônicos**

### **Diretor**

Raul da Silva Navegantes

### **Diretor Adjunto**

Jean Hebette

## **Conselho editorial do NAEA**

Franz Josef Bruseke

Samuel Sá

Rosa Acevedo Marin

Francisco de Assis Costa

Tereza Ximenes Ponte

## **Setor de Editoração**

E-mail: [editora\\_anae@ufpa.br](mailto:editora_anae@ufpa.br)

Papers do NAEA: [Papers\\_anae@ufpa.br](mailto:Papers_anae@ufpa.br)

Telefone: (91) 3201-8521

Paper 012

Revisão de Língua Portuguesa de responsabilidade do autor.

# INDUSTRIALIZAÇÃO E RACIONALIZAÇÃO PARCIAL

---

*Franz Josef Brüzeka*

## **Resumo:**

O presente trabalho discute sobre uma determinada ordem social que segue, historicamente, uma a outra. Isto levou muitos cientistas para uma discussão de ordem social somente em relação à outra. Assim foi discutido o capitalismo em relação ao feudalismo, o feudalismo por sua vez em relação à sociedade antiga e assim por diante. Desta maneira, perde-se a contingência das regras de comportamento social de vista. Perdendo-se a consciência do fato que regras sociais são, em última ratio, invenções humanas, então, artifícios que foram formados no processo histórico da massa amorfa das possibilidades ilimitadas do comportamento social.

**Palavras-chave:** Industrialização. Racionalização parcial. Capitalismo.

## Introdução

1. O fato de que uma determinada ordem social segue historicamente a outra, levou muitos cientistas sociais para uma discussão da ordem social somente em relação a outra ordem social. Assim foi discutido o capitalismo em relação ao feudalismo, o feudalismo por sua vez em relação à sociedade antiga, e assim por diante. Desta maneira perde-se a contingência das regras do comportamento social de vista. Perdendo-se a consciência do fato que regras sociais são em sua última ratio invenções humanas, então, artifícios que foram formados no processo histórico da massa amorfa das possibilidades ilimitadas do comportamento social. Somente numa situação decomposição da ordem social aparecem atrás das malhas da rede social destruída os movimentos confusos dos elementos singulares e das estruturas residuais, e fica claro que a ordem social surgiu do caos social, no qual ela pode recair - em condições sobre as quais nós ainda falaremos mais adiante.

Max Weber diferenciou a ação social segundo as suas possíveis determinações que podem ser: de modo racional referente a fins, de modo racional referente a valores, de modo afetivo e de modo tradicional<sup>1</sup>. "Age de maneira racional referente a fins quem orienta sua ação pelos fins, meios e conseqüências secundárias, ponderando racionalmente tanto os meios em relação às conseqüências secundárias, assim como os diferentes fins possíveis entre si: isto é, quem não age *nem* de modo afetivo (...) *nem* de modo tradicional"<sup>2</sup>. A ação movida, pela racionalidade de valores orienta-se pelo " ... dever, a dignidade, a beleza, as diretivas religiosas, a piedade ou a importância de uma 'causa' de qualquer natureza.." <sup>3</sup>. De maneira, afetiva age ... quem satisfaz sua necessidade atual de vingança, de gozo, de entrega, de felicidade contemplativa ou de descarga de afetos<sup>4</sup> ... Finalmente o comportamento estritamente tradicional freqüentemente não passa " ... de uma reação surda a estímulos habituais que decorre na direção da atitude arraigada"<sup>5</sup>.

A ação social envolvendo o comportamento de várias pessoas fundamenta a relação social, baseando-se num mínimo de relacionamento recíproco entre as ações dos indivíduos esta reciprocidade não é necessariamente amigável, mas inclui. Também relações tão contraditórias como a ligação amorosa e até mesmo entre inimigos mortais. A relação social baseia-se finalmente na probabilidade do comportamento definido de um em relação ao outro. E Weber faz uma colocação

---

<sup>1</sup> Weber, Max (1991) Economia e Sociedade: Fundamentos da Sociologia Compreensiva. Vol. 1; Tradução de Regis Barbosa e Karen Barbosa. Brasília: Editora Universitária de Brasília; p. 15.

<sup>2</sup> Weber (1991: 16).

<sup>3</sup> Weber (1991: 15).

<sup>4</sup> Weber (1991: 15).

<sup>5</sup> Weber (1991: 15)

marginal, mas no nosso contexto, de extrema importância, ele diz: "Um 'Estado', por exemplo, deixa de 'existir' sociologicamente tão logo desapareça a probabilidade de haver determinados tipos de ação social orientados pelo sentido"<sup>6</sup>. A sociologia weberiana se autolimita a compreensão do compreensível, que representa sempre uma estrutura ordenada. O objeto sociológico deixa de existir se ele perde o sentido. A sociedade em decomposição não é alcançada pelas categorias da sociologia weberiana.

Com veemência Weber assinala que a relação social fundamenta-se somente na probabilidade de encontrar certos comportamentos esperados. A probabilidade de encontrar o esperado inclui o risco da frustração dessa expectativa. A rede das relações sociais, o comportamento reciprocamente referido é então muito mais instável do que o conceito relação social sugere. Essa instabilidade cresce à medida que a ação se transforma em objeto de ponderações de modo racional referente a fins. "Uma ordem observada somente por motivos racionais com referência a um fim, é, em geral, muito mais mutável do que a orientação por essa ordem unicamente em virtude do costume, em consequência do hábito de determinado comportamento, sendo esta a forma mais freqüente da atitude interna. Mas esta, por sua vez, é ainda mais mutável do que uma ordem que aparece com o prestígio de ser modelar ou obrigatória, ou, conforme dizemos, 'legítima'"<sup>7</sup>.

O hábito e o costume estabilizam a relação social. Eles aumentam a probabilidade de que um determinado indivíduo ou determinado círculo de pessoas comportem-se em determinadas situações de maneira calculável. A ordem tem a sua vigência legítima e é aceita pelos atores na base da tradição, uma crença afetiva ou referente a racionalidade de valores ou na base da crença da legalidade de um regulamento positivo. A tradição sempre foi o apoio mais forte da ordem social. Aliás, enfraquece qualquer tipo de 'progresso', o tecido de comportamentos reciprocamente referidos, pois introduz um elemento novo ainda não absorvido pela ordem tradicional. Nela a mudança do percurso do comportamento social está descartada: mexer com as tradições provoca medo e repúdio, embora existam rupturas sociais. Como é possível a mudança social. Dentro de um sistema tradicional? Weber tenta uma resposta: "Primitivamente, a criação *consciente* de ordens novas apresentou-se quase sempre sob a forma de oráculos proféticos ou, pelo menos, de revelações profeticamente sancionadas e, como tais, tidas por sagradas (...). A submissão dependeria então da crença na legitimidade do profeta. Prescindindo-se da revelação profética, a criação de ordens novas, isto é, *consideradas* 'novas', só foi possível, nas épocas em que dominava um tradicionalismo rigoroso, sendo tratadas então como se, na

---

<sup>6</sup> Weber (1991: 16).

<sup>7</sup> Weber (1991: 19).

realidade, tivessem vigorado desde sempre, porém não bem reconhecidas, ou tivessem estado temporariamente obscurecidas, tendo sido *redescobertas*"<sup>8</sup>.

O desaparecimento de determinados tipos de ação social. Orientados pelo sentido não tem que esboçar necessariamente numa nova definição do sentido social. Weber constata o fato da violação da ordem no ato criminoso, mas interpreta este como sendo orientado pela ordem referindo-se a ela na medida em que ele se esconde da mesma. Também o vigor sincrônico de várias ordens é reconsiderado por Weber. Este vigor sincrônico, em sua análise, acontece muitas vezes de forma sucessiva. Um profissional se confronta durante a jornada de trabalho com outras exigências sociais, que após o término, tornam-se diferentes quando ele passa ao convívio no círculo dos seus parentes. Também a mesma ação pode se orientar ao mesmo tempo em ordens diferentes, por exemplo: quem se envolve por causa da sua honra aviltada num duelo orienta-se por um lado pelo código de honra e por outro pelo código penal que proíbe esta prática. A, também, orientação pelo código penal se expressa no comportamento dos envolvidos, escondendo-se das autoridades jurídicas durante a luta. Um acúmulo da violação da ordem pode levar a dissolução da ordem tradicional e a sua substituição. Weber não caracteriza a substituição de uma ordem pela outra como um processo de alternância brusca, sobre isto escreve: "Entre a vigência e a não-vigência de uma ordem não há, portanto, para a Sociologia, alternativa absoluta ..." <sup>9</sup> Weber observa transições fluidas e até a vigência simultânea de ordens diferentes mas não chega a conclusão que a interferência de diferentes ordens, emitindo ao mesmo tempo impulsos contraditórios sobre o ator, leva em certas circunstâncias a desorientação. Nestas situações limites a chance da ação social com sentido torna-se quase zero. O desinteresse de Weber no contra-conceito da ordem social resulta do seu entendimento da sociologia, que nesse ponto concorda com Durkheim<sup>10</sup>. Weber assinala: "Podem ser observadas, na ação social, regularidades de fato, isto é, o curso de uma ação repete-se sempre com o mesmo agente ou (as vezes simultaneamente) é comum entre muitos agentes, com *sentido* tipicamente homogêneo. Com estes *tipos* de cursos das ações ocupa-se a Sociologia ..." <sup>11</sup> Descobrimos então, também, em Weber um entendimento da sociologia como ciência das regras sociais. A falta de regras ou a crise do mecanismo regulador aparece somente como sendo o negativo de uma concepção da ordem social que, por sua vez, não está sendo definida de forma monolítica e inflexível, mas como a matriz que serve como pano de fundo da tentativa de Weber *entender* a sociedade. Apesar dessa restrição Weber coloca em nossa mão

---

<sup>8</sup> Weber (1991: 23)

<sup>9</sup> Weber (1991: 20)

<sup>10</sup> veja Durkheim, Emile (1988) *Über soziale Arbeitsteilung: Studie über die Organisation höherer Gesellschaften*. Frankfurt a.M.

<sup>11</sup> Weber (1991: 17-18)

instrumentos importantes para avançar procurando um melhor entendimento da dinâmica da formação e, dissolução da ordem social.. Como apoio central nesse empreendimento podem ser denominados os conceitos da racionalização e, partindo dele, o conceito da racionalização parcial.

A tese da racionalização de Weber refere-se à maneira singular da modernização a.) da sociedade ocidental baseando-se no desdobramento da economia capitalista e do Estado moderno; b.) do desenvolvimento de uma cultura específica na base da ciência e técnica moderna, da arte autônoma e de uma ética referida a princípios e e. ) da formação de uma estrutura de personalidade, orientada pela conduta de vida metódica- racional. O surgimento do racionalismo ocidental., tanto antecedendo-o como acompanhando-o na primeira fase, está. ligado inseparavelmente a uma destruição de interpretações míticas do mundo e de uma racionalização religiosa que, na. sua forma de protestantismo, ligou a ascese intramundana com o trabalho perpétuo orientado pelo cálculo econômico.<sup>12</sup>

Jürgen Habermas identifica nada menos do que sete usos diferentes do conceito da racionalidade em Weber:<sup>13</sup>

a.) Racionalidade como tecnização das ações

b.) racionalidade do uso dos meios

c.) racionalidade da escolha ou dos fins d.) racionalidade referente a valores

e.) a ligação entre a racionalidade referente a fins e a referente a valores formam a racionalidade prática, base da conduta de vida metódico-racional

f.) racionalidade de sistemas simbólicos formais (religiosos, jurídicos e morais)

g.) racionalidade cultural como consequência da diferenciação consequente de elementos cognitivos , normativos e expressivos

Na teoria da ação comunicativa, Habermas levanta a questão se o racionalismo ocidental é uma característica universal e globalmente válida do desenvolvimento da humanidade culta (Kulturmenschentum) ou, se o racionalismo seria de fato exclusivamente ocidental então limitada a região cultural européia respectivamente americana. Mesmo Weber comparando o caminho do desenvolvimento oriental e ocidental formulou, se referindo à China e Índia, a seguinte questão: "Por que lá não alcançou o desenvolvimento científico, artístico, político ou econômico, o mesmo grau de

---

<sup>12</sup> veja Weber, Max (1988) Die protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus. In: Weber Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie I, pp.17; Tübingen: Mohr. Tradução portuguesa: Max Weber (1985) A ética protestante e o espírito do capitalismo; São Paulo: Livraria Pioneira Editora.

<sup>13</sup> Jürgen Habermas (1988) Theorie des kommunikativen Handelns. Vol.1, pp. 241-256 Frankfurt am Main: Suhrkamp (port.: Habermas, Teoria da Ação Comunicativa).

racionalização que é peculiar ao Ocidente? Porque em todos os casos citados, trata-se do 'racionalismo' específico e peculiar da cultura ocidental. Ora, sob essa denominação, pode-se entender coisas muito diferentes, como repetidamente se verá pela subsequente discussão. Há por exemplo, as racionalizações da contemplação mística, ou seja, num contexto que, considerado sob outras perspectivas, é especificamente irracional, da mesma forma que há racionalizações da sociedade, da técnica, do trabalho científico, da educação, da guerra, do direito e da administração. Cada um desses campos pode, além disso, ser 'racionalizado' segundo fins e valores últimos muito diferentes, e, o que de um ponto de vista for racional, poderá ser irracional do outro. Racionalizações têm existido em todas as culturas, nos mais diversos setores e dos tipos mais diferentes, para caracterizar sua diferença do ponto de vista da história da cultura, deve-se ver primeiro em que esfera e direção elas ocorreram. Por isso, surge novamente o problema de reconhecer a peculiaridade específica do racionalismo ocidental, e, dentro deste moderno racionalismo ocidental, o de esclarecer a sua origem. Cada uma dessas tentativas, tendo em conta a importância fundamental da economia, deverá, antes de mais nada, analisar as condições econômicas. Ao mesmo tempo, porém, não se deve omitir correlação inversa. Isto porque, o racionalismo econômico, embora dependa parcialmente da técnica e do direito racional, é ao mesmo tempo determinado pela capacidade e disposição dos homens em adotar certos tipos de conduta racional."<sup>14</sup>

Habermas defende em relação aos elementos fundamentais da significação e do vigor do racionalismo uma posição universalista. Ele acha que nas esferas culturais - nas quais se desdobram as medidas abstratas de valores como verdade, exatidão normativa e autenticidade - expressam-se estruturas de uma consciência universal.<sup>15</sup> Sua crítica ao relativismo cultural do racionalismo em Weber acha que a especificidade do racionalismo ocidental vem do padrão seletivo dos processos de racionalização no capitalismo. Introduce o conceito da racionalização parcial, partindo da constatação de que o capitalismo caminhou para uma racionalização não-equilibrada da economia e da administração aos custos das outras esferas vitais. A racionalidade administrativa e econômica ocupou as formas expressivas e morais-práticas de racionalidade.<sup>16</sup> Esta argumentação tem a vantagem de oferecer um instrumento para entender os desequilíbrios na sociedade global na base de uma racionalização parcial de setores parciais. Não mais confrontam-se *ratio* e *irratio* mas racionalizações parciais que criam certas ordens, possivelmente limitadas territorialmente, causando assim processos desequilibrados, que mostram todas as características de desestruturação e do caos eco-sócio-econômico.

---

<sup>14</sup> Weber (1985: 11)

<sup>15</sup> Habermas (1988: 254)

<sup>16</sup> Habermas (1988: 259)

A vantagem é que os processos de racionalização parcial e, também, os processos de ordem e desordem que os acompanham ganham um status de inteligibilidade. As análises que partem somente da racionalidade ocidental, e culturalmente relativa, chegam de forma necessária ao ponto onde elas não *entendem mais o mundo*. O mundo entendível é exatamente esse que corresponde ao meu horizonte racionalizado. A racionalidade parcial ganhou uma suposta universalidade por causa do seu imbatível - e com força destrutiva em relação aos outros tipos de racionalização -, desde o surgimento das ciências modernas e da revolução industrial. Mas as sociedades industriais da Inglaterra, da França e da Alemanha realizaram um projeto parcial de uma herança mais abrangente. Este projeto parcial apoiando-se na racionalização parcial de processos técnicos e econômicos traiu, assim, o iluminismo e ocidentalizou a razão universal. Pois a racionalização ficou parcial mesmo em relação às sociedades ocidentais. As estruturas dissipativas, i.e. não equilibradas, que ela gerou, explodem nos conflitos internos e nas confrontações entre as potências territoriais na Europa, que se embriagaram nas idéias tolas do nacionalismo. O racionalismo *ocidental* é essencialmente o racionalismo da empresa capitalista e do exército moderno. Ambos funcionam só, como Weber mostrou, na base da ascensão intramundana e do trabalho profissional com motivação religiosa. Nós somos testemunhas da expansão deste padrão de racionalidade que provoca a impressão de ocidentalização, onde o que existe é na verdade um processo de economização. A oposição de numerosas elites nas regiões não europeias e não-americanas contra a suposta ocidentalização corre necessariamente no vazio, se essas elites apostam ao mesmo tempo na força modernizadora da racionalização parcial. Não é o Ocidente que destrói o equilíbrio do leste ou do sul, mas uma razão (*ratio*), que - como sendo parcial - não pode produzir *per definitionem* um desenvolvimento harmônico.

O acaso histórico quis que o industrialismo se desenvolvesse primeiro em alguns países da Europa. O fato que ele recebeu um impulso inicial e decisivo pelo protestantismo é tão certo como é errada a tese que o desdobramento precoce da sociedade industrial na Europa era a única possibilidade da história. Como fato ele criou, todavia, uma situação na qual as outras regiões do mundo se transformaram em regiões atrasadas; devida à concorrência estas tinham e têm dificuldades para superar os problemas com os quais os primeiros países ao industrializarem-se não se confrontaram. A Europa demonstra de novo a importância da seqüência temporal no processo da industrialização onde nada de essencial se mudou nos últimos cem anos na hierarquia das potências econômicas. Um exemplo de que a racionalização parcial do capitalismo industrial pode ganhar força, também, fora do ocidente se encontra no Japão.

Hoje observamos que a racionalização parcial - desentendida como realização da razão - virou o projeto ideológico das regiões mais 'avançadas' e dos enclaves econômicos. Não seria exagerado denominar a racionalização parcial como ideologia de enclave. Esse se entende como centro

funcionante no mar de um mundo desestruturado e do ponto de vista do enclave: incompetente. Para este mundo incompetente o enclave se apresenta como modelo, sugerindo que a sua cópia resolvesse todos os problemas. É o cálculo econômico que faz simultaneamente o negócio sujo. O *circuito imperfeito* (Marx) demite os que caíram fora dos tradicionais nexos econômicos e sociais destruídos no caos não-estruturado. Cujas evidências comprovam o fracasso de um projeto que se dizia projeto para todos. A universalidade verdadeira da razão mostra-se na crítica deste estado insuportável, que separou a grande maioria da sociedade global, tanto das suas tradições como a excluiu da modernidade. A realização do projeto não-acabado do iluminismo ainda falta. Nele a racionalização completa, autoconsciente dos seus limites e dos perigos da fragmentação racionalista, sempre foi integrada.

2. A economia política, que acompanhou as turbulências socioeconômicas durante a revolução industrial, revelou a 'racionalidade' da movimentação do momento econômico dentro da sociedade industrial em formação e chamou atenção para a 'lógica' da acumulação do capital. Apesar da necessidade de uma releitura crítica permanente dos textos clássicos da economia que relativize e amplie de forma contínua os nossos conhecimentos, podemos constatar que a economia política abriu o caminho decisivo para o melhor entendimento do dinamismo extraordinário da sociedade industrial. A análise da produção da mais-valia relativa é ainda um acesso analítico convincente do dinamismo e do desenvolvimento tecnológico da sociedade moderna. Mas este mérito não deve e não pode desculpar as falhas nas outras áreas. Apesar do fato de que o crítico de uma teoria desenvolvida há 150 anos está numa situação confortável apontamos para as duas lacunas maiores. Em primeiro lugar temos que mencionar a falta quase completa de uma teoria política. No fundo a economia política era basicamente uma teoria econômica: a análise dos processos e das estruturas políticas era derivada e foi para os economistas políticos sempre o tema marginal. Neste contexto se estabeleceu conseqüentemente o campo ideal para as disputas apaixonadas, justificaram-se com panfletos pseudo-científicos as charadas no jogo mesquinho do poder. Hoje conhecemos as conseqüências fatais do iluminismo incompleto, do economismo dos movimentos sociais do século dezenove e da conseqüente recaída atrás das posições da revolução francesa. A segunda grande falha da economia política é a que ela divide com seu objeto em estudo: ela ignora o papel da natureza no processo da formação do valor econômico e fecha os olhos perante os limites biofísicos (ecológicos) da produção industrial. Alimentando a confiança nas possibilidades ilimitadas das forças produtivas ela virou cúmplice no biocídio industrial. Porém, a descoberta da racionalidade econômica da revolução industrial levou para um melhor entendimento do modo de produção ocidental e incentivou Weber interpretar a história do ocidente como história do desenvolvimento do racionalismo ocidental. Ainda parece-nos oportuno partir dos conceitos da racionalidade, do racionalismo e da racionalização para melhor esclarecer o dinamismo sócio-econômico da sociedade contemporânea. Mas, na medida em que as grandes descobertas teóricas iluminam uma parte do horizonte eles escurecem uma outra. A

teoria da racionalização crescente das estruturas sócio-econômicas não é capaz de explicar o colapso da racionalização em vastas regiões do mundo. Falta uma teoria do colapso da modernização, uma teoria que explique a racionalização e a irracionalização, uma teoria que fale sobre a ordem industrial e ao mesmo tempo sobre o caos que ela cria. Weber e Marx encontram-se hoje no panóptico dos grandes clássicos da sociedade moderna, a teoria da formação da sociedade global contemporânea exige um esforço teórico além dos dois, deve ser uma *Aufhebung* teórica no sentido de Hegel.

3. Julgando o sistema industrial a partir do seu objetivo - em nenhum lugar formulado - podemos identificá-lo como produção de bens de massa usando por unidade produzida o mínimo de esforço e o mínimo de tempo, otimizando então permanentemente o uso dos fatores produtivos. Para alcançar este objetivo o sistema industrial desenvolve estruturas específicas e um modo de funcionamento que o distingue de outros sistemas produtivos e orienta-o pelo critério da eficiência máxima, i.e. a redução relativa dos custos nas unidades de produção. Como tipos ideais podemos diferenciar entre uma variante socialista-estatista e uma variante capitalista-liberal do industrialismo. Na verdade esses tipos somente existem de forma mista e em múltiplas formas de realização. Na primeira variante o nexus sócio-econômico é garantido através de mercados internos e externos; na segunda através da administração estatal. Apesar das tentativas históricas de conectar o sistema industrial, desta ou de outra maneira, com visões sócio-políticas deixam-se identificar algumas características específicas da forma industrial da organização do trabalho humano. A dinâmica inter-relacionada destes fatores resulta na - como chamamos - lógica do industrialismo.

Um elemento importante desta lógica é a especialização dos indivíduos, seções, empresas e ramos na execução de tarefas produtivas específicas e a introdução de procedimentos na base de um elevado grau da divisão do trabalho. A revolução industrial era de certa maneira o clímax de um processo da divisão crescente do trabalho, que viu na época das manufaturas, o seu primeiro desdobramento. A separação de processos de produção coerentes exige a formação de funções coordenadoras. Isto significa a nível da empresa o desenvolvimento de uma burocracia. A conexão no nível da sociedade é garantido ou pela administração estatal ou pelo mercado. Na realidade existem em geral formas mistas.

A separação e diferenciação das funções sócio-econômicas, resultado direto da racionalização parcial, levou a separação do mundo vivenciado pelo homem e o surgimento de uma esfera produtiva e de uma esfera particular. Correspondendo, divide-se o tempo, em tempo de trabalho e tempo de lazer. As ligações afetivas e diretas entre os homens como na família grande ou na comunidade tribal foram substituídas. Onde a socialização industrial tem êxito, o que nem sempre é o caso, as ligações pessoais e tradicionais são substituídas pelas instituições. Também especificidades étnicas ou religiosas têm para o sistema industrial pouca significância. Ele é indiferente em relação as diferenças raciais, religiosas, nacionais ou sexuais da mão de obra. Daí os fortes impulsos 'democráticos' e 'universalistas'

que os primeiros países europeus e norte-americanos em fase de industrialização receberam. Esta constatação de uma indiferença sistêmica do industrialismo não pode significar a abnegação das violações historicamente concretas dos direitos humanos ou dos ideais democráticos. Mas as formas políticas múltiplas que acompanharam a formação da sociedade industrial nem sempre se adequavam bem a própria lógica do industrialismo. Em certas fases o seu desdobramento foi até dificultada por causa de interferências políticas autoritárias dos tipos mais diferentes. O sistema industrial é meramente uma forma específica da organização material da produção. Como tal pode-se vincular com vários sistemas políticos ('burgueses', 'autoritários', 'socialistas'). Pois, por causa da sua racionalidade interna, revolta-se contra uma manipulação exagerada tanto pelo mercado quanto pela administração estatal.

Em geral podemos constatar que o sistema industrial transforma componentes multiformais em uniformais, e, apoia-se no desenvolvimento de um democratismo primitivo. Um princípio básico da produção de bens de consumo de massas é a transformação da singularidade em serialização. Este é um princípio que ultrapassa o processo de produção *strictu sensu* e molda a sociedade inteira. Podemos observar o seu efeito, por exemplo, na formação das modas de consumo como do comportamento; podemos descobrir serializações na arquitetura como na estética militar. Enfim ele leva permanentemente à troca da série sem abandonar o princípio da serialização.

Seguindo seu padrão maquinal ele integra todos os valores funcionais para 'ele mesmo e repele todos os outros. As culturas que geraram a ascese intramundana em ligação com o trabalho profissional ininterrupto mostraram uma alta afinidade com a lógica industrial. Por outro lado temos que assinalar as dificuldades das culturas hedonistas e com preferências não-produtivistas<sup>17</sup> para gerar do seu próprio seio racionalizações com utilidades para o industrialismo. Esta constatação é a conclusão inversa da análise weberiana do protestantismo e, além disso, empiricamente observável.

O sistema industrial produz exatamente o oposto da economia circular. Ele tende a universalização, i.e., à auto-expansão e ao desenvolvimento de uma sociedade global, caracterizada de forma imperfeita como sistema mundial. O conceito sistema mundial é imperfeito por causa da sistematização incompleta para a qual a racionalização parcial, dominando de fato todas as relações socioeconômicas do mundo, leva. Isso acontece por causa da desestruturação e marginalização de partes da sociedade global que se deslocam para fora da suposta ordem mundial.

O sistema industrial desenvolve uma economia específica do tempo. O tempo é dividido em subunidades lineares cada vez menores. O sistema industrial maximiza por causa de suas necessidades internas a significação do tempo linear e acelera-o permanentemente. Podemos constatar

---

<sup>17</sup> veja Groh, Dieter (1987) Strategien, Zeit und Ressourcen. Risikominimierung, Unterproduktivität und Mussepräferenzen - die zentralen Kategorien von Subsistenzökonomie, In: Prokla 67, 17. Jg., Nº 2, p.7-34, Berlin

a substituição crescente das medidas 'humanas' e 'naturais' do tempo (tempo de dormir, estações, dia e noite etc.) pelas medidas linear técnica. A velocidade se aumenta tanto na esfera da produção como da circulação e do consumo. Isso tem como uma das conseqüências o aumento geral da *velocidade de mudança* em todos os setores relevantes. A partir de uma determinada velocidade de mudança certas ordens sociais perdem a capacidade de se adaptar às inovações elas quebram sem desenvolver uma estrutura alternativa.

Desenvolve-se também uma economia específica do espaço. O espaço físico (res extensa) transforma-se no espaço econômico lugar de produção, de circulação e de consumo. O espaço transforma-se assim no espaço funcional. Nesse processo os 'espaços vazios' estão sendo ocupados; na verdade o 'espaço vazio' era um ideograma da colonização, usado para justificar a ocupação das terras das sociedades tribais. O uso do espaço aumenta-se ainda mais e de forma contínua através da aglomeração e verticalização. A economia do tempo vincula-se com a economia do espaço. Realiza-se o princípio: mesmo lugar - mesmo tempo. Isso levou na fase inicial da industrialização para a concentração da mão-de-obra na fábrica e a concentração de grandes massas de mão-de-obra e da maquinaria.

Tecnologias de transporte, com alta capacidade e sistemas de comunicação efetivos, permitem hoje distanciamentos maiores, mas não contradizem o princípio citado. As economias parciais e desestruturadas da sociedade global perdem o nexos e não podendo mais se interligar com as regiões aceleradas, por causa da impossibilidade de acertar o seu ritmo temporal-espacial. Surge a ilusão da não-simultaneidade ou do atraso onde ocorrem na verdade processos simultâneos que não se adequam. A racionalidade da produção industrial é meramente parcial e como tal, limitada. Como processo material ela confronta-se, como a crítica ecológica mostra, com as limitações biofísicas e como processo de produção orientado pela acumulação de capital ela provoca permanentemente turbulências sócio-econômicas, que colocam em risco o funcionamento do 'sistema' inteiro.

**Referências:**

COHN, Gabriel (1979) *Crítica e Resignação - Estudo Sobre o Pensamento de Max Weber e sua Compreensão*. São Paulo: T.A. Queiroz. Editor.

CORTELLA, Lucio 1981 *Crisi e razionalità. Da Nietzsche ad Habermas*. Napoli.

DURKHEIM, Emile (1988) *Über soziale Arbeitsteilung: Studie über die Organisation höherer Gesellschaften*. Frankfurt a.M. \* Port. Durkheim, Emile (1984) *A Divisão do Trabalho Social*. 2 Vols. Lisboa: Editorial Presença.

GIDDENS, Anthony (1978) *O Capitalismo e a Teoria Social Moderna*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

GROH, Dieter (1987) *Strategien, Zeit und Ressourcen. Risikominimierung, Unterproduktivität und MuBepfänger - die zentralen Kategorien von Subsistenzökonomie*. In: *Prokla* 67, 17. Jg., Nº 2, p.7-34, Berlin.

HABERMAS, Jürgen (1988) *Der philosophische Diskurs der Moderne*. Suhrkamp: Frankfurt (port: *O Discurso Filosófico da Modernidade*).

HABERMAS, Jürgen (1988) *Nachmetaphysisches Denken*. Frankfurt: Suhrkamp (port: *O Pensamento Pós-Metafísico*).

HABERMAS, Jürgen (1988) *Theorie des kommunikativen Handelns*. Vol.1, Frankfurt am Main: Suhrkamp \* Port.: Habermas, Teoria da Ação Comunicativa.

SCHLUCHTER, Wolfgang (1979) *Die Entwicklung des okzidentalen Rationalismus*. Tübingen (port: *O desenvolvimento do racionalismo ocidental*).

SCHLUCHTER, Wolfgang (1980) *Rationalismus der Weltbeherrschung*. Frankfurt (port: *O racionalismo da dominação do mundo*).

WEBER, Max (1988) *Die protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus*. In: Weber, *Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie I*, pp.17; Tübingen: Mohr. \* Port.: Max Weber

(1985) *A ética protestante e o espírito do capitalismo*; São Paulo: Livraria Pioneira Editora.

WEBER, Max (1991) *Economia e Sociedade: Fundamentos da Sociologia Compreensiva*. Vol. 1; Tradução de Regis Barbosa e Karen Barbosa. Brasília: Editora Universidade de Brasília; p.15 \* alemão: Weber, Max (1985) *Wirtschaft und Gesellschaft. Grundriss der verstehenden*.

*Soziologie*. Tübingen: Mohr.